

JÁ VI ESSE FILME: O DOMÍNIO DE MEMÓRIA EM CHARGES SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

I HAVE SEEN THIS MOVIE: THE MEMORY DOMAIN IN CARTOONS ON THE COVID-19 PANDEMIC

Joseeldo da Silva Junior ¹

Universidade Federal da Paraíba

Francisco Vieira da Silva ²

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Resumo: Este estudo propõe-se a analisar o domínio de memória em quatro charges que discursivizam a pandemia da COVID-19, cujo pano de fundo se baseia em referências ao cinema para a construção de sentidos. Os elementos verbo-visuais constituintes da prática discursiva humorística retomam os filmes para enunciar acerca do momento pandêmico. O aparato teórico que norteia este trabalho ancora-se nas reflexões de Foucault (2010) acerca do discurso, da prática discursiva, do enunciado e do domínio de memória. A pesquisa caracteriza-se por um viés descritivo-interpretativo, de natureza qualitativa. As charges analisadas mostram que a remissão ao cinema ressignifica os sentidos construídos, ao possibilitar a emergência de discursos sobre a seriedade da contaminação pelo novo coronavírus e, mais do que isso, pontuar críticas à postura do governo Bolsonaro no enfrentamento a essa crise sanitária mundial.

Palavras-chave: Domínio de memória; Charge; Cinema; Pandemia.

Abstract This study aims to analyze the domain of memory in four cartoons that discursive the pandemic of COVID-19, whose background is based on references to cinema for the construction of meanings. The verbal-visual elements that make up the humorous discursive practice return to the films to enunciate about the pandemic moment. The theoretical apparatus that guides this work is anchored in the Foucault (2010) reflections on discourse, discursive practice, utterance and the

¹ Mestre em Linguística no Programa de Pós-Graduação de Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Licenciatura Plena em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba (UFPB). Email: joseeldojr@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância (CLEAD) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Coordenador local do POSENSINO na UFERSA (2019-2021). Atua na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, sobretudo no exame de discursos e práticas das/nas mídias digitais, a partir das intersecções com o ensino e a saúde. É líder do Grupo de Pesquisa Discurso com Foucault (Dis.com.fou), vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e pesquisador do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Grupo de Estudos do Discurso (GRED), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN). Email: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

domain of memory. The research is characterized by a descriptive-interpretative bias, of a qualitative nature. The cartoons analyzed show that the reference to cinema resignifies the meanings constructed, by allowing the emergence of discourses about the seriousness of contamination by the new coronavirus and, more than that, punctuate criticisms of the Bolsonaro government's stance in facing this global health crisis.

Keywords: Domains of memory; Cartoon; Cinema; Pandemic.

Submetido em 27 de janeiro de 2021.

Aprovado em 31 de março de 2021.

Introdução

Na seara dos acontecimentos contemporâneos, muitos são os debates acerca da pandemia da COVID-19, doença provocada pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2), nos mais distintos campos de estudos. De filósofos como Butler (2020) e Han (2020), a sociólogos como Santos (2020), notadamente exemplos de produções a respeito do evento global pandêmico, a disseminação da COVID-19 é um acontecimento discursivo e histórico que não cessa de produzir discursos. No âmbito do jornalismo, cotidianamente conteúdos noticiosos alimentam o imaginário coletivo acerca do vírus, provocando o medo, pânico ou alívio, a depender das construções enunciativas. Assim, além da pandemia viral, pode-se dizer que há uma pandemia de discursos, haja vista a imensa produção de materialidades discursivas em diversos espaços midiáticos, especialmente porque as medidas de contenção da transmissão do vírus preveem o distanciamento social e, nesse caso, o uso das tecnologias digitais tornou-se ainda mais prodigioso nesses tempos pandêmicos. Arriscamos postular, portanto, que vivenciamos os infortúnios da pandemia sob as lentes de nossas telas: o número de mortos e infectados, as despedidas de entes queridos, a comunicação com familiares e amigos distantes, bem como a realização das atividades de estudos e laborais.

Nessa seara, a charge emerge como um recurso relevante para fomentar o debate na sociedade, sendo uma prática discursiva do cotidiano cuja constituição verbo-visual, ora satírica, ora crítica, discursiviza os acontecimentos ordinários. O riso, embora seja o fator característico da charge, pode ceder espaço para a seriedade, em determinada conjuntura, muitas vezes pela relevância e gravidade da temática – como é o caso atual. Isso justifica o fato de esta prática discursiva ser tão acolhida no campo jornalístico, pela capacidade de reflexão, não restringindo apenas em “fazer graça”, como geralmente se acredita.

De acordo com Foucault (2010), o enunciado é um objeto não definitivo, trata-se de uma materialidade modificável, isto é, não tem um estado pronto e acabado, pelo contrário “[...] o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses” (FOUCAULT, 2010, p. 119). Daí que a charge, nesse sentido, está sujeita a transformações, à medida que serve a um objetivo ou consoa-se com a exigência de um contexto.

Durante muito tempo, como diz Possenti (2003), a charge passou em branco nos estudos do campo da linguística, pela artificialidade que se tinha dessa prática discursiva. No entanto, a charge não só passou a ser foco de investigação como também aparece como elemento para entender os contextos históricos e sociais. Por essa razão, neste artigo, intentamos analisar o domínio de memória discursivizado em charges sobre o novo coronavírus, o qual tomam o cinema como base para a produção de sentidos. Para cumprir o objetivo, empreendemos uma análise discursiva de um *corpus* composto por quatro charges extraídas do *site* Humor Político, especializado em publicizar esse tipo de discurso.

Pautamo-nos, prioritariamente, nas teorizações do filósofo francês Michel Foucault, cuja contribuições resultaram na constituição dos estudos discursivos foucaultianos, no qual se inscreve este estudo. No mais, vale dizer que esta pesquisa se caracteriza por ser de natureza qualitativa com viés descritivo-interpretativo, uma vez que a análise do *corpus* nos possibilita compreender as narrativas políticas, sociais e sanitárias decorrentes da pandemia do novo coronavírus, situando-nos historicamente.

No que diz respeito à estrutura, este artigo é composto por quatro seções, além deste tópico introdutório. No primeiro, discute-se sobre a noção de domínio de memória, verificando como este conceito está associado à noção de enunciado, de forma a tornar possível a sua compreensão e aplicabilidade. Em seguida, tecemos um debate acerca da charge enquanto prática discursiva do cotidiano. Posteriormente, analisamos as quatro materialidades discursivas, de modo a perceber como estas se articulam, a partir do exercício do domínio de memória. Por fim, no último tópico, apresentamos algumas considerações com viés conclusivo.

1. Notas sobre enunciado e memória

Braga (2020), ao traçar uma breve genealogia do conceito de memória discursiva, mostra que, em um primeiro momento, as noções de interdiscurso e intradiscurso

propostos por Pechêux aparecem como uma espécie de protótipo para se pensar sobre memória discursiva, com a publicação no final da década de 1960 e início da década de 1970, de *Análise automática do discurso* e *Semântica e discurso*, respectivamente. Mais tarde, nos anos de 1980, como ainda mostra Braga (2020), o interdiscurso/intradiscurso ganhou novo contorno e passou a ser chamado de memória discursiva. De acordo com a autora, “[...] tanto em *Papel da memória* quanto em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, ambos de 1983, está impressa uma preocupação com as condições em que a singularidade de um acontecimento histórico se inscreve em um espaço de memória” (BRAGA, 2020, p. 342).

A noção de memória no campo da Análise do Discurso é imbuída de complexidades. Segundo Paveau (2005, p. 3), o conceito “sofreu várias evoluções e influências complexas, cujo trajeto é difícil de retrazar precisamente”. Para essa autora, foi Jean-Jacques Courtine, também na década de 1980, quem cunhou o termo “memória discursiva”, no entorno das formulações do grupo de Michel Pechêux, conceito que apareceu com o propósito de “[...] ancorar a análise do discurso na história, integrando os tempos (curtos, médios ou longos) da memória no estudo da materialidade linguageira” (PAVEAU, 2005, p. 2). A autora sublinha ainda que esta noção é fruto da discussão de domínio de memória pautado por Michel Foucault, o qual toma a história como uma ordem de acontecimentos.

É sabido que o filósofo francês não delineia uma noção sobre memória, haja vista que Foucault nunca pretendeu criar um campo ou disciplina de estudos discursivos (GREGOLIN, 2016); no entanto, sua caixa de ferramentas conceituais abre brecha para fazer suas teorizações responder a outra ordem discursiva. Daí dizer que o empenho de Courtine (2009), na esteira do de seu pensamento, contribuiu para o desenvolvimento da noção de memória discursiva, que, a propósito, “[...] não se confunde com a capacidade cognitiva que os indivíduos têm para se lembrar de algo; ele abarca o conjunto das formulações que circula na forma de um já-dito” (NAVARRO, 2011, p. 4).

A noção de memória vincula-se diretamente com o conceito de enunciado, isso porque são as discursivizações, corporificadas em enunciados, que possibilitam o exercício do domínio de memória³. Este domínio, na análise do discurso “com” Foucault, integra

³ Em razão da independência do campo de estudo, busca-se empregar, na Análise do Discurso Foucautiana, a noção “domínio de memória” e não “memória discursiva”, como costuma-se utilizar em outras vertentes da Análise do Discurso Francesa, embora autores como Courtine também utilizem a expressão teórica “domínio de memória” (COURTINE, 2016) em oposição a “memória discursiva” outrora cunhado por ele,

as formas de coexistências do enunciado, sendo uma das características dele, remetendo-se a uma prática instituída em outro espaço/tempo, entendido numa relação de laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade históricas. Assim, tem-se que o domínio de memória situa-se num campo que faz ligação com formas de hierarquias e “subordinações que regem o enunciado de um texto” (FOUCAULT, 2010, p. 66).

Foucault (2010, p. 111) frisa que “[...] os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação”, a depender de como é retomado, seja através de estruturas lógicas ou através de conteúdos semânticos. O campo associado aparece como mediação entre enunciados. Este campo retoma enunciados já ditos e por dizer e é constituído “[...] pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento” (FOUCAULT, 2010, p. 111) e “[...] também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não)” (FOUCAULT, 2010, p. 111), sabendo, indiscutivelmente, não há enunciado que não retome outro enunciado, reatualizando-o.

Dessa forma, o campo enunciativo constitui-se pelo conjunto de formulações permitida por enunciados, por meio de uma sequência natural ou uma réplica. Além disso, este campo se constitui pelo conjunto das formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, aparecendo sem obedecer a uma linearidade, podendo ele ser apagado ou conservado, sacralizado e utilizado para discursos futuros. Logo, a partir disso, dizemos que o domínio de memória perfaz enunciados produzidos numa dada conjuntura histórica, retomados por acontecimentos discursivos e pelas condições de possibilidade.

O enunciado, por sua vez, enquanto unidade elementar do discurso, atua em consonância com outros enunciados, especificamente o que Foucault chama de “população de enunciados”, ora determinando "as condições de sua existência", ora fixando "seus limites da forma mais justa", estabelecendo, portanto, "[...] suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado" (FOUCAULT, 2010, p. 31). Tem-se,

tal como diz Paveau. Courtine distinguia o termo cunhado por ele e as ideias elaboradas por Foucault sobre domínio de memória, numa tentativa de afastar-se do pensamento do filósofo francês – apesar do reflexo dele na obra do linguista e antropólogo, segundo aponta Braga (2012), ao discorrer sobre a noção de memória discursiva. Fato é que, como pontua Oliveira (2018, p. 537), trata-se de “uma noção de difícil apreensão”, tanto é que Orlandi (2002) – e aqui arriscamos dizer, de forma equivocada – já chegou a remeter-se a definição foucaultiana de domínio de memória atribuindo erroneamente aos autores Chiss e Puech (1994) apud Orlandi (2002).

dessa forma, o exercício de um domínio de memória a retomar outros dizeres mediante correlações enunciativas produzidas sociohistoricamente. O enunciado, no interior da abordagem foucaultiana, é entendido como uma função que cruza diferentes domínios e não pode ser confundido com outros elementos como a frase, a proposição e o ato de fala, pelos seguintes aspectos distintivos: i) não se ancora no princípio gramatical que norteia a existência das frases; ii) não se pauta pelos critérios de verdade e falsidade, característicos da proposição; iii) não busca analisar as intenções do sujeito falante, como preconiza a teoria dos atos de fala. Segundo Foucault (2010), o enunciado, além do campo associado, é formado pelas seguintes propriedades: i) referencial – tem relação com as leis de possibilidade que fazem com que o enunciado irrompa num tempo e lugar específicos; ii) posição de sujeito – concerne a uma posição que é assumida no enunciado e não se confunde com o sujeito autor, pessoa gramatical ou sujeito empírico; iii) materialidade repetível – o enunciado precisa vir a lume por meio de um suporte, uma substância, um local, uma data ou uma instituição.

2. A charge como prática de discursivização do cotidiano

A crítica incrustada na charge, como um tipo de enunciado verbo-visual, aproxima o leitor de acontecimentos cotidianos, ao possibilitá-lo uma compreensão mais didática das temáticas, muitas vezes complexas para entendimento da população menos desassistida da educação formal. Ao discursivizar sobre a economia, por exemplo, a charge pode facilitar a informação, na medida em que adota um tom crítico e satírico, artifício característico dessa prática discursiva. Na esteira de Foucault (2010), a prática discursiva é entendida como um conjunto de regras históricas, anônimas e situadas as quais definem as condições de exercício da função enunciativa. Nessa lógica, a charge se configura como uma prática discursiva, porquanto fornece as condições para o exercício do sujeito que enuncia nessa materialidade discursiva.

Como diz Romualdo (2000), os chargistas imprimem opiniões, pontos de vista e posicionamentos discursivos, de modo a oferecer ao leitor elementos da subjetividade característica da função enunciativa. Mormente pautadas nos acontecimentos da atualidade, em sua maioria irrompidos por fatores de ordem política, as charges buscam enfatizar, pela crítica, o grotesco, o hilário, a fábula, a interação, variando de acordo com as especificidades da função enunciativa, bem como do veículo de comunicação em que circula. De acordo com Espíndola (2001), a leitura de uma charge supõe a identificação

e problematização dos fatos a que faz referência, as circunstâncias, o funcionamento dos recursos linguísticos e visuais e o lugar de onde o chargista enuncia.

O caráter visual é imprescindível na execução do objetivo a que se propõe e demarca um discurso, sem o qual, se realizado apenas com o elemento verbal, não geraria o mesmo efeito junto ao leitor. Na verdade, é o traço imagético que faz da charge um produto discursivo acolhido e bastante consumido. A análise desses recursos visuais respalda-se no fato de que o enunciado “[...] não é gramatical e não tem a ver com um sintagma e suas regras de construção dentro de um quadro de linhas canônicas que se sucedem e se permutam” (MILANEZ, 2013, p. 347).

Uma vez que a charge se associa frequentemente ao fazer jornalístico, não raro o aparecimento dela se situa em contextos de resistência, desafiando relações de poder e demandando cenários de conflitos. Um exemplo disso foi o episódio em que o chargista Renato Aroeira, em 2020, durante o período da primeira onda do coronavírus, passou a ser investigado, a pedido do Ministério da Justiça do Governo Bolsonaro, após publicização de uma charge que criticava o apelo do presidente para a população invadir hospitais com pacientes acometidos pela COVID-19. Não satisfeito com a intervenção artística produzida pelo chargista, houve uma solicitação de abertura de inquérito junto à Polícia Federal e à Procuradoria-Geral da República, sob a justificativa de a charge ter ferido a Lei de Segurança Nacional⁴.

Em resposta à tentativa de censura ao chargista, colegas de profissão promoveram a publicação massiva de charges semelhantes àquela interdita de Aroeira, reproduzindo cenas em igual situação incômoda ao governo de Jair Bolsonaro. O gesto solidário revela uma prática de resistência, haja vista que a difusão das charges nas redes sociais implicou um embate contrário à postura autoritária do governante. Ora, como discute Foucault (2006), as relações de poder suscitam, necessariamente, a possibilidade de resistência, que pode vir se potencializar ou não à medida em que as relações de poder se mantêm com mais força e se tornam mais enérgicas. Tendo em vista o fato de as relações de poder circunscreverem homens livres, as possibilidades de embates, lutas e sublevações fazem parte dessa concepção de poder.

⁴ O caso foi noticiado pelo jornal O Globo, após repercussão nas redes sociais. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ministro-da-justica-pede-investigacao-de-charge-que-associa-bolsonaro-ao-nazismo-cita-lei-de-seguranca-nacional-1-24480814>. Acesso em: 08 nov. 2020.

Como o poder está em toda parte (FOUCAULT, 2018), difundido e disperso nas malhas sociais, as estratégias de resistência se manifestam-se na mesma proporção. O poder, por não estar materializado em uma coisa, também não está centrado em algo, é provocado, “[...] é o nome dado a uma situação estratégica complexa” (FOUCAULT, 2018, p. 101). Assim, as manifestações efusivas dos artistas, após a tentativa de silenciamento de Aroeira, reafirmam o poder de crítica incrustada nas charges, embora também demande uma contraconduta ao discurso antidemocrático do Governo Bolsonaro, em razão da tentativa de censura ao chargista. Podemos ainda mencionar como exemplo semelhante o caso dos chargistas Laerte, João Montanaro, Albert Benett e Claudio Mor, os quais foram interpelados pela Associação da Polícia Militar do Estado de São Paulo (Defenda PM), para darem esclarecimentos acerca de charges que tratavam da violência policial, publicadas no jornal Folha de S. Paulo, durante uma ação realizada num baile *funk* na favela de Paraisópolis, em dezembro de 2019, que resultou na morte de nove jovens⁵. A reação dos chargistas foi enfática em defender o direito à liberdade de expressão, de modo a ocasionar o arquivamento de uma possível ação judicial a ser protocolada pela associação da PM paulista.

Nessa toada, vale pontuar que o riso, enquanto unidade básica da charge, enseja-se um artifício de poder e, por conseguinte, estratégias de resistência, tanto é que, conforme diz Silveira Lemos (2016, p. 465), “[...] a crítica ao poder pelo riso é algo tão potente que passa a ser combatida e hostilizada”; por isso, ao longo da história, práticas discursivas que promoveram a comicidade foram interdidas. O caso de Aroeira e do conjunto de chargistas da Folha atestam o incômodo que essas práticas risíveis provocam na classe política e em setores privilegiados da sociedade. Na verdade, o riso, de acordo com Bergson (1983, p. 09), “deve corresponder a certas exigências da vida em comum”, e como tal, “deve ter uma significação social”. Por esse motivo, a discursivização de práticas como a charge provoca reações, dado que se filia aos acontecimentos diários, não para apenas reverberar dada problemáticas, mas, sobretudo, para tecer críticas e provocar embates e lutas.

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/por-charges-criticas-entidade-de-pms-interpela-a-folha-e-quatro-cartunistas.shtml>. Acesso em: 08 nov. 2020.

3. Memória e charge: do cinema à pandemia

Talvez a charge seja uma das práticas discursivas que mais evidencie o conceito de domínio de memória, haja vista que, em cada manifestação artística como essa, há um dado elemento que faz referência a outro discurso outrora produzido. Na verdade, para que exista a charge, é necessário que haja uma memória social, pois, do contrário, ela não pode ser constituída. A pandemia da COVID-19 é o acontecimento histórico que ilustra o modo como os chargistas, em suas produções, recorrem a essa crise sanitária para produzir determinados discursos. Neste estudo, elegemos charges que se associam a uma memória fílmica, como suporte referencial para evidenciar o perigo e/ou os cuidados que a população deve ter com o novo coronavírus, bem como criticar a ação (ou a falta dela) do governo brasileiro no combate à pandemia.

Na charge da Figura 01, temos o ex-ministro da Saúde Nelson Teich, ilustrado como Neo, personagem do ator Keanu Reeves, no filme *Matrix*⁶. O chargista retoma a clássica cena em que Neo se esquiva de um arsenal de balas atiradas em sua direção para situar o então Ministro. No entanto, diferentemente do filme, aqui não são os tiros que Nelson Teich possivelmente estaria driblando. Na verdade, trata-se de uma encenação em que o ministro indica o crescimento da curva de infectados pelo vírus da COVID-19.

No curto período em que Nelson Teich comandou a pasta do Ministério da Saúde, o número de infectados e mortos pelo novo coronavírus se encontrava em ascendência e a sua atuação, num primeiro momento, foi criticada pela imprensa, cientistas e profissionais da saúde, haja vista que Teich acenou para a minimização⁷ da gravidade da doença, ao se alinhar com o discurso negacionista do presidente Jair Bolsonaro. Conforme se comprovará em seguida, essa adesão não foi durou muito tempo, pois Teich deixou o cargo pouco mais de um mês após ter assumido. Em seu lugar, entrou um general aliado do governo, sem qualquer formação na área da Saúde.

⁶ Trilogia de filmes (1999, 2003 e 2003) do gênero ficção científica que conta a saga de Thomas Anderson/Neo (Keanu Reeves), jovem hacker que descobre a existência de *Matrix*, um sistema artificial responsável por sugar a energia dos humanos enquanto cria a ilusão de um mundo real. Disponível em: <https://istoe.com.br/relembre-trilogia-matrix-que-ganha-novo-filme-com-keanu-reeves-e-lana-wachowski/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

⁷ Ex-ministro Neilson Teich volta atrás e admite que o aumento do número de casos de contaminados pelo novo coronavírus não é acúmulo dos dias anteriores. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/28/interna_politica,1142771/ministro-da-saude-teich-admite-que-ha-agravamento-da-covid19-no-brasil.shtml. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

Figura 01: Ex-ministro da Saúde referenciado a uma cena do filme Matrix



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br>, 2020.

O aparecimento da charge evidencia a postura de Bolsonaro reproduzida por “Neo Teich”, ainda que não esteja mostrado explicitamente. Por outro lado, por ser a figura representativa do Ministério da Saúde, órgão responsável por gerir a crise sanitária, Teich passou a ser destaque contínuo nos discursos produzidos e veiculados nas mídias sociais digitais. Daí que, independentemente de seu posicionamento discursivo em relação ao número de mortes, a figura de “Neo” na charge representa o chefe da pasta da Saúde, devido à relevância do cargo no esteio da problemática social e sanitária enfrentada no país. Poderia-se questionar, parafraseando Foucault (2010), por que Teich e não outro em seu lugar? Aqui, a resposta está no cenário político e o momento histórico que definem as condições de aparecimento de determinado discurso. Por essa razão, Nelson ocupa o lugar de Ministro – vale dizer, substituindo o antecessor Henrique Mandetta – e, por sua vez, encena o personagem do filme na charge em análise. Vemos que o humor funciona a partir do deslocamento da cena do filme Matrix, conforme indaga um dos integrantes do casal na charge. Sobre isso, Possenti (2010) enfatiza que o discurso humorístico, nos diversos gêneros a se materizar, ancora-se em memórias e em saberes prévios.

Nesse mesmo entendimento, a próxima charge (Figura 02), ao colocar em cena a figura do presidente Jair Bolsonaro, reforça o funcionamento das condições históricas que possibilitam tal discurso imagético. Tratando-se especificamente do(s) sentido(s) da charge, num exercício de domínio de memória, vê-se a presença do presidente numa

alusão à cena do filme *O Rei Leão* (1994)⁸ que, no roteiro original, mostra Rafiki, personagem do longa-metragem, expondo o leão recém-nascido Simba aos demais animais da selva, numa espécie de ritual de batizado. Na charge, a cena é redefinida com foco na hidroxicloroquina, tendo como público os apoiadores de Jair Bolsonaro, estes vestidos com a camiseta da seleção brasileira, numa alusão às vestimentas usadas por manifestantes que reivindicavam o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, os quais, posteriormente, apoiaram a candidatura de Jair Bolsonaro. Flôres (2002, p. 10) lembra que a charge “[...] projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vistas, ideologias em circulação”. Nessa perspectiva, a posição enunciativa da charge busca subsídio numa série de recursos que são recuperados pelo sujeito leitor, a fim de que possa atribuir sentido a essa materialidade discursiva. No caso em tela, os elementos que caracterizam os seguidores do presidente configuram-se no uso da camiseta da seleção, na postura subserviente junto ao líder e na descrença quanto à gravidade da pandemia.

A ressignificação se dá pelo fato de que, num dado período da pandemia da COVID-19, o presidente apostou na tese de que o fármaco hidroxicloroquina contribuiria para a cura da doença. O discurso de Bolsonaro, no entanto, não se respaldava em comprovações científicas, ancorando-se apenas em dados esparsos e frágeis de possíveis efeitos benéficos advindos do remédio, o que motivou uma politização da eficácia e uso desse fármaco, fazendo emergir uma guerrilha discursiva: de um lado, apoiadores do presidente – além dele próprio – estimularam o tratamento da COVID-19 com suposto elixir; do outro lado, setores da imprensa e da oposição negavam a eficácia, divulgando resultados de estudos científicos.

Fato é que o discurso do presidente passou a ser visto como um dizer desinformativo, embora endossado por sua militância, tanto é que, conforme mostra Recuero (2020), este tema circulou no *Twitter* muito mais do que mensagens contradizendo a informação. A autora analisou 57.295 mil *tweets* e constatou que houve maior alinhamento com a fala de Bolsonaro do que com o discurso científico. Temos, portanto, que a charge em análise pontua a aclamação do público de Bolsonaro no culto à hidroxicloroquina, apesar de as comprovações científicas serem contrárias ao uso do

⁸ Animação da Disney, dirigida por Jon Favreau, que retrata uma jornada pela savana africana de Simba (Donald Glover), um jovem leão cujo destino é se tornar o rei da selva e, para isso, precisa vencer uma variedade de intempéries. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-250594/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

fármaco, o que, em certa medida, atesta a ignorância dos apoiadores do presidente e uma suposta referência a eles como animais, haja vista que, na cena original do batizado de Simba, o público é composto pela fauna da região, caracterizado biologicamente por ser seres de comportamento irracional – as máscaras jogadas ao alto e devoção ao remédio, como se nota na charge abaixo, sugere a falta de racionalidade dos apoiadores do presidente.

Figura 02. Culto à hidroxicloroquina



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br>, 2020.

As falas de Bolsonaro provocam grande repercussão midiática, em face do seu forte teor polêmico, motivando, aliás, estudos no campo linguístico, a exemplos dos trabalhos de Freitag (2020) e Ponsoni (2020). O modo como os discursos presidenciais reverbera, no entanto, é que merecem atenção, haja vista as várias materialidades discursivas que ganharam formas, de modo a nos fornecer um volumoso arquivo da crise pandêmica provocada pela COVID-19. Na próxima charge, temos mais um exemplo de como o leitor pode se situar historicamente a respeito da pandemia, tendo como interdiscurso a referência ao campo cinematográfico. Vejamos.

Figura 03. Charge “Usar máscara é coisa de viado”



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br>, 2020.

Na materialidade repetível da charge, “Usar máscara é coisa de viado” remete a dizeres homofóbicos do presidente Bolsonaro, que, segundo informou a colunista Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo⁹, o chefe de estado afirmou tal declaração nos bastidores do Palácio do Planalto. Bolsonaro, que desde o início da pandemia minimizou ou negou a potencialidade de morte do vírus, implementou uma política anticientífica e criou suas próprias verdades, ou, como diz Foucault (2014), vontades de verdade. A leitura da materialidade verbo-visual nos aponta, mais uma vez, para uma memória discursiva fílmica. Dessa vez, trata-se da retomada do longa fantástico *Animais fantásticos e onde habitam* (2016)¹⁰, conforme sugerido no título da charge.

A posição de sujeito da charge promove a inserção do presidente no contexto do filme, porém atribuindo novos contornos ao elemento imagético, quais sejam: a) o deslocamento do título “animais fantásticos” para “animais fanáticos”, b) a residência oficial da presidência ao fundo como a moradia do presidente e, por fim, c) a animalização de Bolsonaro, ao transformá-lo em um jumento, com orelhas e cauda.

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml>. Acesso em 08 nov. 2020.

¹⁰ Série de filmes que começa em 2016 e faz referência a acontecimentos dos escritos de J. K. Rowling, autora da saga Harry Potter. O longa conta a trajetória de um famoso magizoologista que precisa lidar com animais mágicos que saem de sua mala e se dispersam pela cidade de Nova York. Disponível em: <https://www.uol/entretenimento/especiais/animais-fantasticos-e-onde-habitam.htm#tematico-9>. Acesso em: 08 nov. 2011.

O primeiro deslocamento em relação à memória do filme reflete o comportamento do próprio presidente, mas também se estende para os seus militantes, em razão do fanatismo político empregado a partir do posicionamento de sua liderança. Pela postura radical, o presidente Bolsonaro, muitas vezes, parece governar jogando para sua plateia, daí a aposta num discurso extremista, com vistas a mobilizar os seus seguidores. “Animais fanáticos” é uma menção à figura presidencial, mas a flexão do plural nos leva a crer que se trata também de demais sujeitos que reverberam os dizeres negacionistas, anticientíficos, obscurantistas do presidente.

O Palácio do Planalto, por sua vez, é a moradia de Bolsonaro, mas não somente. No caso da ilustração, o retrato ao fundo responde ao título da charge “Animais fanáticos e onde habitam”, indicando que o animal (Bolsonaro) reside nesse local. Aliás, há uma metamorfose do presidente, transformado numa espécie de asno, popularmente conhecido por “jumento” ou “jegue”. Na imagem, este asno não se trata do animal em si, mas das características subjetivas que dão a este mamífero: costuma-se usar o termo jumento em tom depreciativo, para dizer que um dado indivíduo não tem inteligência.

Assim, no caso de Bolsonaro seria um ser ignorante e irracional, tal como um jegue, por isso não exala apenas as partículas do coronavírus (como vê-se no abrir da boca), mas também preconceito contra os *gays*, quando, de forma pejorativa, usa a palavra “viado”, associando o uso de máscara somente a essa comunidade, pois demonstra um desvio na chamada masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). A utilização de máscara, no entanto, é um objeto essencial para conter a disseminação do novo coronavírus, indicado por autoridades sanitárias e obrigatório por lei. Vale enfatizar que, num domínio de memória, essa declaração de Bolsonaro encontra eco noutros discursos homofóbicos por ele proferidos, desde antes de ser eleito presidente. Em diversas entrevistas e depoimentos, o atual chefe de estado afirmou ser contrário à criminalização da homofobia, à discussão sobre gênero e sexualidade na escola, e às diversas pautas que podem promover a consecução de direitos às minorias sexuais.

Ademais, vale realçar que a menção ofensiva à homossexualidade masculina faz ressoar dizeres que reforçam os binarismos de gêneros, pois distanciar os homossexuais da masculinidade hegemônica significa aproximá-los do polo da feminilidade, construído historicamente como símbolo de fraqueza, sensibilidade e passividade. Nessa lógica, esse dimorfismo de gênero (PRECIADO, 2018) faz funcionar um

posicionamento no qual o adoecimento e os cuidados com a saúde representam a fragilidade que não combina com o polo ativo da masculinidade. Daí a ênfase na declaração de Bolsonaro acerca do uso da máscara: não seria adequada para os heterossexuais, pois estes se encontram num lugar de força e bravura que se sobrepõem aos perigos do vírus. Pelo domínio de memória, retomamos uma série de dizeres que amenizaram o efeito da doença, colocaram em xeque os números de infectados e de mortes e questionaram as medidas de distanciamento social.

Como pudemos visualizar até o momento, as charges tendem a responder a eventos do cotidiano, sobretudo aqueles que têm maior repercussão no campo político. E como estratégia de enunciação, há um exercício de domínio de memória, de modo a dinamizar, linguisticamente falando, a ilustração, como é o caso da próxima charge (Figura 04). Dessa vez o filme retomado é o clássico “...E o vento levou” (1939)¹¹. Diferentemente das charges anteriormente analisadas, aqui não há a presença de uma figura política; trata-se apenas de contextualização da pandemia do coronavírus, com figuras relacionadas aos personagens do próprio longa-metragem: os protagonistas Scarlett O’Hara e Ashley Wilkes. Outro ponto a observar é que também não há a retratação de uma cena, tal como visto na Figura 01 e Figura 02.

Figura 04. Charge do filme “E o vento levou...”



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br>, 2020.

¹¹ Clássico do cinema e vencedor de dez estatuetas do Oscar. O filme narra a história da Guerra Civil americana.

Esta charge propõe um jogo entre as palavras e as coisas: “e o vento levou...”, seguindo de reticências, ao contrário do título original do filme, indica uma ventania do coronavírus. Numa leitura completa do enunciado verbo-visual, ficaria algo como: “E o vento levou o coronavírus”. É comum que este tipo de prática discursiva propicie um jogo semiótico de forma a produzir um efeito de sentido ao leitor, mesclando dizeres e ilustrações. Aliás, se não houvesse o enunciado “E o vento levou”, era possível que houvesse maior dificuldade em interpretação por parte do leitor – quando cotejamos com a charge anterior, a presença do título “Animais fanáticos e onde habitam” possibilitam maior compreensão acerca do funcionamento discursivo.

Mas voltando à charge, vemos Scarlett e Ashley fugindo das partículas do vírus, evidenciado pela exclamação de Ashley: “Corre, Scarlett”, enquanto a ventania os persegue. No caso em tela, é cabível pontuar que há um deslizamento dos sentidos em torno de “o vento levou”, pois, na acepção primeira, a ideia é que se trata de um dizer com tonalidades metafóricas, já, na charge, o sentido alia-se à literalidade do vento como um agente que pode veicular o vírus.

A charge discursiviza a possibilidade de se constatar a presença do coronavírus no ar, o que pode sugerir a existência de um forte indicador de contágio rápido do causador da COVID-19. Esta charge passou a circular nas redes sociais entre março e abril, quando a informação da circulação do vírus no ar era apenas uma especulação.

Vale destacar, por fim, que pesquisas divulgadas¹² mais recentes indicam que, sim, é possível a contaminação do vírus pelo ar, embora a OMS (Organização Mundial de Saúde) continue a defender a tese de que o coronavírus é transmitido principalmente por gotículas mais significativas, através de espirros, tosses e o contato com superfícies contaminadas. Desse modo, o discurso da charge ganha contornos mais robustos, de modo a sair do campo da especulação e adentrar o espaço da comprovação científica. Dito de outro modo, entendemos, a partir de Silva (2012), que o discurso humorístico relaciona-se de modo intrínseco com outros discursos, os quais se mostram de modo mais ou menos reconhecíveis.

Considerações finais

¹² Conforme notícia o UOL, estudos constataam partículas do coronavírus no ar, podendo ser uma das formas de contágio. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/06/coronavirus-ar-cientistas-the-new-york-times.htm>. Acesso em: 01 out. 2020.

Para além de uma prática discursiva do jornalismo, as charges emergem em situações de polémica, de debate e instrumentaliza a compreensão do leitor acerca de um tema específico, através da crítica ou sátira. Nas charges reproduzidas e analisadas neste trabalho, o domínio de memória, que perfaz as ilustrações, cria um cenário para ambientar a pandemia da COVID-19. As cenas fílmicas recriadas e realocadas para discursivar a crise não só tecem críticas ao governo federal, como no caso da charge “Animais fantásticos e onde habitam”, como também chamam a atenção ao perigo da contaminação pela doença, a exemplo da cena humorística que retoma o filme “...E o vento levou”. Isso ocorre porque o cinema, conforme Xavier (2005), constitui um campo no qual diversos discursos circulam e onde diferentes posicionamentos são construídos. Dessa medida, certas imagens do cinema podem ser ressignificadas e empregadas para os mais diversos fins. Vejamos, por motivos óbvios, que nenhum dos filmes a que as charges fazem referência tratam da temática da pandemia ou se inserem no interior da prática discursiva do humor.

No caso deste trabalho, por estarmos situados em meio a um evento global, as produções que versam sobre a política têm maior evidência e recorrência nas mídias sociais – sobretudo no campo jornalístico –, embora não seja uma regra, uma vez que a charge “E o vento levou...” não enfoca especificamente nenhuma especificidade política.

O domínio de memória, como visto, é um conceito que se alia à noção de enunciado, com materialidade definida historicamente – na verdade, uma dupla materialidade: o enunciado atual, que seria o discurso político e o sanitário, e o anterior, neste caso o discurso fílmico, ambos readaptados, redefinidos. Mas é necessariamente a materialidade segunda o elemento principal para o exercício de domínio de memória, dada a retomada ao passado pelo acontecimento discursivo recente. Conforme discutimos, a charge é compreendida por ser uma prática discursiva que busca fomentar o debate acerca de um assunto diário, em evidência, por isso a recorrência a um discurso anterior produz, no âmbito de um domínio de memória, maior efeito de sentido. Especificamente, no caso das charges analisadas, o funcionamento do domínio de memória do cinema leva-nos a constatar a ressignificação dos discursos, a partir da vinculação de fatos do presente, a pandemia da COVID-19, com recortes de cenas, menções a títulos e a enredos de filmes conhecidos, os quais são recuperados via campo associado.

Referências

BERGSON, H. O riso: ensaio sobre a significação da comicidade. 2. ed. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

BUTLER, J. Judith Butler crê que pandemia de coronavírus levará a luta radical por igualdade. [Entrevista concedida a Adriana Ferreira Silva]. *Marie Claire*, 27 maio 2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2020/05/judith-butler-cre-que-pandemia-de-coronavirus-levara-luta-radical-por-igualdade.html>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRAGA, A. B. Discurso, história e memória em duas fotografias de Lula. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 27, n. 50, p. 335-352, 2020.

BRAGA, A. Análise do Discurso: novos olhares. *Eutomia*, v. 1, n. 09, p. 381-393, 2012.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, *Revista de Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, jan./abr. 2013.

COURTINE, J-J. *Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, J-J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 1, n.1, p. 14-35, 2016.

ESPÍNDOLA, L. C. A charge no ensino da língua portuguesa. *Letr@ Viv@*, v. 1, n. 3, p. 107-116, 2001.

FLÔRES, O. *A leitura da charge*. Canos: Ulbra, 2002.

FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. Acho que é uma gripezinha: construções linguísticas como pistas de atitudes em tempos de pandemia. *Linguasagem*, v. 25, n. 1, p. 31-49, 2020.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. Poder e Saber. In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

GREGOLIN, M. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, R.; RAJAGOPALAN, K. (org.). *Um Mapa da Crítica nos Estudos da Linguagem e do Discurso*. Campinas: Pontes, 2016. p. 115-142.

HAN, B-C. *O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han*. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

MILANEZ, N. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens, *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 35, n. 4, p. 345-355, 2013.

NAVARRO, P. O funcionamento da história e da memória no discurso fílmico. *Linguasagem*, São Carlos, v. 16, p.1-9, 2011.

OLIVEIRA, H.; ALMEIDA, J. Desdobramentos da noção de memória discursiva: o caso Mais Médicos. *Discurso & Sociedad*, v. 12, n. 3, p. 536-550, 2018.

ORLANDI, E. A análise do discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cad. Est. Ling.* v. 42, p. 21-40, 2002.

PAVEAU, M. A. Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 2, 2005, Porto Alegre. *Anais...*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p. 01-09.

PONSONI, S.; FIRMIANO, F. D. O discurso destrutivo do capital e a crise da pandemia. *Linguasagem*, v. 35, n. 1, p. 136-161, 2020.

POSSENTI, S. Limites do humor. *Revista Letras*, n. 26, 2003.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. Contexto: São Paulo, 2010.

PRECIADO, P. B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era pornofarmacológica*. Trad. Maria Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

RECUERO, R; SOARES, F. B. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. *E-compós*. Ahead of print, 2020. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127/2008>. Acesso em: 25 out. 2020.

ROMUALDO, E. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, B. de S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.

SILVA, T. C. G. O interdiscurso no gênero charge: um estudo do discurso humorístico sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa, *Domínios de Língu@gem*, v. 6, n. 1, p. 302-321, 2012. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14742/9604>.
Acesso em: 07 nov. 2020.

SILVEIRA LEMOS, F. C.; V. O, F. O riso como estratégia de resistência ao poder punitivo. *Psicologia em Estudo*, v. 21, n. 3, p. 463-471, 2016.

XAVIER, I. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.